

Desrespeitamos a Deus quando desrespeitamos ou menosprezamos a fé alheia e diferente da nossa.

Ao amar nosso Deus precisamos amar o outro, o diferente em sua diferença. Estamos somente no limiar do conhecimento se cada dia não reconhecemos e ampliarmos visões, amores e olhares. O reconhecimento mútuo exige muito trabalho, orações e empenho pessoal. Deve ser compromisso de vida, como canta o poeta argentino Atahualpa Yupanki:

“Qué lindo destino el mío
si lluvia pudiera ser!
Besar la tierra sedienta
y entre las piedras correr!

La lluvia tiene un destino
que yo quisiera tener.
El sol la lleva a los cielos
para ser lluvia otra vez.”

É sobretudo obra do Espírito de Deus: “Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração; eu serei o Deus deles e eles serão o meu povo.” (livro do profeta Jeremias 31, 33).

Pe. Fernando Altemeyer Junior pertence ao Vicariato da Comunicação da Arquidiocese de São Paulo.
Av. Higienópolis, 890, 01238-908 - São Paulo - SP.

A ORAÇÃO DE DAVI: UMA ANÁLISE SÓCIO-POLÍTICA CONTEXTUALIZADA NOS FATOS HISTÓRICOS

Jeni Bertoni Nimtz

A Confederação Israelita, consolidada por uma organização tribal de duzentos anos de existência, sofreu, em finais do século XI a.C. uma violenta agressão por parte dos filisteus. Tal conflito, que se estendeu por quase todo o período dos Juízes, intermitente e intenso, acabou levando Israel à ruína total, sem a mínima esperança de se reerguer... Haveria de desencadear-se, porém, uma série de acontecimentos significativos, capazes de estabelecer a unicidade de todo o povo, restaurar o seu valor histórico para que, em menos de um século, a região se tornasse uma das maiores potências de sua época.

Fontes extremamente ricas encontram-se na literatura deuteronomística, existente nos seguintes blocos: 1Sm e 2Sm, 1Rs 1,11.

O advento da monarquia sob a liderança carismática de Samuel (o último da antiga ordem dos Juízes), consagrado a Iahweh antes do nascimento com um voto feito no santuário diante do sacerdote Eli, tornava-se um golpe indispensável, decisivo, para expulsar o invasor da Terra. Saul, o primeiro de uma série de monarcas foi ungido, privadamente, por Samuel, em Ramá (1Sm 9, 1 a

10, 16) sob aclamação do povo que se opunha à contrariedade do próprio Samuel.

A continuidade da ameaça dos filisteus, aliada aos acessos de depressão que acometera Saul durante seu curto reinado - provavelmente uma década antes de 1000 anos a.C. (“Um espírito maligno enviado por Deus” - 1Sm 16,14-23), o rompimento com Samuel, os seqüentes atos de crime, perseguição e impiedade desferidos contra um jovem servo, hábil músico, valente guerreiro que crescia carismaticamente a seu lado, foram as principais causas da decadência inevitável de sua presença como Rei. A conseqüente ascensão de Davi ao trono, a conquista de Jerusalém, a vitória sobre os filisteus, o transporte da Arca de Deus para o alto da colina (2Sm 5; 2Sm 6) e a excelência da profecia de Natã (2Sm 7) são os acontecimentos que introduzem a **Oração de Davi**, (objeto deste estudo), seguidos pelas guerras empreendidas por ele, sujeitando filisteus, moabitas e arameus ao seu jugo e, finalmente, fazendo justiça a todo o povo.

As características da literatura específica do bloco deuteronomico (Juízes, Reis, Samuel e Josias), ca-

racterísticas essas tidas como: libertação, sentido de comunidade, fidelidade (aliança) e espírito de misericórdia e solidariedade são veiculadas pela matéria redacional deuteronômica para o exercício de uma reflexão séria e profunda sobre a experiência de Deus com seu povo e deste para com Deus. Faz parte desse contexto, de maneira especial, o tempo de Josias e o empreendimento da reforma religiosa (640-609), por ocasião da descoberta do Livro da Lei, no templo de Iahweh: "Achei o livro da Lei, no Templo de Iahweh" (2 Rs 22,8). A leitura solene do Livro da Lei, a reforma religiosa em Judá e depois no Reino do norte, e a celebração da Páscoa são fatos agradáveis aos olhos de Iahweh, imitando, em tudo, o proceder da Casa Davídica.

TEXTO CONFIÁVEL: BÍBLIA DE JERUSALÉM

2Sm 7, 18-29

18 Então, o Rei Davi entrou e ficou diante de Iahweh, e disse: "Quem sou eu, Senhor Iahweh, e qual é a minha casa para que me trouxesses até aqui? 19 Mas isso é ainda pouco aos teus olhos, Senhor Iahweh, e estendes as tuas promessas também à casa do teu servo para um futuro distante. Esse é o destino do homem, Senhor Iahweh. 20 Que mais poderá ainda dizer-te Davi, pois tu mesmo conheces o teu servo, Senhor

Iahweh! 21 Por causa da tua palavra e segundo o teu coração, tiveste esta generosidade de instruir o teu servo. 22 É por isso que és grande, Senhor Iahweh: ninguém há como tu, e não existe outro Deus além de ti somente, como aprenderam os nossos ouvidos. 23 Como o teu povo Israel, há outro povo na terra a quem um deus tivesse ido resgatar para fazer dele o seu povo, e para o tornar famoso e realizar em seu favor tão grande e terríveis coisas, expulsando de diante do seu povo nações e deuses? 24 Estabeleceste o teu povo Israel para que ele seja para sempre o teu povo e tu, Iahweh, tu te tornaste o seu Deus. 25 Agora, Iahweh Deus, guarda para sempre a promessa que fizeste ao teu servo e a sua casa e faz como disseste. 26 O teu nome será exaltado para sempre e dirão: Iahweh dos Exércitos é Deus sobre Israel. A casa do teu servo Davi subsistirá na tua presença. 27 Porque foste tu, Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel, que fizeste esta revelação ao teu servo: 'Eu te edificarei uma casa.' Então, o teu servo teve a coragem de te dirigir esta oração. 28 Sim, Senhor Iahweh, és tu que és Deus, as tuas palavras são verdade e tu fizeste esta maravilhosa promessa ao teu servo. 29 Consente, pois, em abençoar a casa do teu servo, para que ela permaneça sempre na tua presença, porque és tu, Senhor

Iahweh, que tens falado, e é pela tua bênção que a casa de teu servo será abençoada para sempre".

Faz-se necessário confrontar a Bíblia de Jerusalém com outras edições bíblicas, em determinados versículos, por serem (talvez) mais esclarecedores quanto ao conteúdo e por apresentarem simplicidade no que se refere ao uso da linguagem. São eles:

V. 22 (TEB)

"Tu és grande, senhor Deus, não há ninguém igual a ti e não há Deus além de ti, segundo o que ouvimos com os nossos ouvidos".

V. 23 (PASTORAL)

"Quem é como o teu povo, como Israel, a única nação da Terra que Deus veio resgatar para ser seu povo e para lhe dar um nome? Realizaste coisas terríveis em favor deste país, do teu povo, que resgataste do Egito, dentre as nações e os deuses?"

V. 28 (ALMEIDA)

"Agora, pois, senhor Deus, tu és o mesmo Deus e as tuas palavras são verdade e tens falado a teu servo este bem".

CRÍTICA TEXTUAL: PASSAGENS IMPORTANTES:

V. 18

"Então, o Rei Davi entrou e ficou diante de Iahweh, e disse: "Quem sou eu, senhor Iahweh, e

qual é a minha casa para que me trouxesses até aqui?"

V. 19

"Mas isso é ainda pouco aos teus olhos, Senhor Iahweh, e estendes as tuas promessas também à casa do teu servo para um futuro distante. Esse é o destino dos homens".

V. 20

"Quem mais poderá ainda dizer-te Davi pois tu mesmo conheces o teu servo, Senhor Iahweh!"

V. 29

"Consente, pois, em abençoar a casa do teu servo, para que ele permaneça sempre na tua presença, porque és tu, Senhor Iahweh, que tens falado, e é pela tua bênção que a casa do teu servo será abençoada para sempre".

As passagens bíblicas acima citadas constam da oração de Davi, texto ora em estudo (2Sm 7, 27-28).

DELIMITAÇÃO DO TEXTO: 2SM 7, 18-29

O texto em questão tem sua parte redacional anterior, iniciada em 2Sm 5, cuja análise, através dos fatos relacionados pelo autor (coroação de Davi como Rei, conquista de Jerusalém, trasladação da Arca; Profecia de Natã) e finalizada com as guerras de Davi dão a entender, claramente, o jogo de oposição da monarquia contra o sistema tribal.

1. Coroação de Davi como Rei de Israel

Davi, soldado experimentado, senhor feudal com possessões privadas, assumiu o trono como vassalo de um poder estrangeiro. Judá o aclamou sem consideração às demais tribos. Era, verdadeiramente, uma medida estranha aos padrões antigos. Popularizado pelas tribos, consagrado por Judá (2Sm 2, 4), tornou-se, também, reconhecido pelos israelitas, exercendo, assim, um tipo de monarquia dualística, um reino agitado por lutas internas. *"Todas as tribos vieram ter com Davi em Hebron e disseram: vê! Nós somos dos teus ossos e da tua carne"* (5,1); *"Todos os anciãos de Israel vieram pois até o Rei, em Hebron, e o Rei Davi concluiu com eles um pacto, na presença de Iahweh, e eles ungiram Davi como Rei de Israel"* (5,3).

Parece que a intenção do autor é destacar, sobremaneira, o poder de Davi como dono do mundo, sendo consagrado Rei de todo Israel (2Sm 5,1-3). Esse fato ilustra, eficazmente, a tenacidade da tradição carismática, personificada em Davi, homem capaz de uma liderança inspirada, cujos contínuos sucessos davam provas de que Iahweh o havia designado. Por ordem divina (*nāgid*), tinha sido feito Rei (*Melek*) em aliança pessoal com o povo e por aclamação. Entretanto, esse novo reinado representava um afastamen-

to da ordem antiga, pois a base de seu poder não era a confederação tribal. Ele era um chefe militar, agora designado Rei de todas as tribos (norte e sul). Essa união que criava o novo estado, era (de certo modo) frágil, pois todos estavam unidos na pessoa de Davi, embora os clãs do sul estivessem relativamente isolados, seguindo muitas vezes, seu próprio destino. Esse era um problema que a monarquia jamais conseguiria resolver.

2. Conquista de Jerusalém: a nova capital

Vencidos os filisteus, Davi alcança Jerusalém, onde fixa residência. Independentemente da força opositora - *"Não entrarás aqui! Os cegos e aleijados te repelirão!"* (5,6) - Davi tomou a fortaleza de Sião. *"Edificaram uma casa para Davi"* (5,11); *"Então, viu Davi que Iahweh o confirmara como Rei sobre Israel e exaltava a sua realeza por causa de Israel, seu povo"* (5,12). Dessa cidade conquistada com suas próprias tropas (cidade de Davi), localizada em excelente posição estratégica, Davi governava toda a nação.

3. O traslado da Arca para Jerusalém

Edificada uma casa (moradia) para Davi, confirmada a casa de Davi (realeza) era necessário que Iahweh dos Exércitos (o Deus nacional) tivesse, também, a sua tenda-santuá-

rio, com a Arca da Aliança do Senhor que se encontrava desprezada há mais de uma geração. Com grande júbilo e cerimonial pomposo, apesar de alguns conflitos, foi a Arca instalada em Jerusalém, em honra a Iahweh dos Exércitos *"que se assenta entre os querubins"* (6,2); *"Será ela (a Casa Davídica) que construirá uma casa para o meu nome"* (7,13). Estabelecendo a Arca e o sacerdócio no santuário oficial nacional, Davi deu um golpe de mestre! Era seu objetivo fazer de Jerusalém a capital política e religiosa do Reino. E o conseguiu, mostrando-se como o novo patrono e protetor das instituições sagradas do passado. Tudo isso foi favorável ao povo, fazendo com que este recuperasse a confiança em si mesmo e nas suas instituições, portanto a postura ideológica de Davi, além de garantir o poder para si próprio, beneficiava o povo.

4. Profecia de Natã

Um sério questionamento se apresenta: Por que Davi habitava num palácio e a Arca de Deus numa tenda? O Rei sentiu-se pesaroso, mas ao consultar o profeta Natã, recebe dele a resposta: *"Vai e faze o que teu coração diz, porque Iahweh está contigo"* (7,2). Davi entendeu que a construção de um palácio para a Arca seria imprópria, por causa da natureza origi-

nalmente portátil do santuário da Arca. A construção de um tabernáculo permanente seria, pois, a quebra de uma tradição. *"Em casa nenhuma habitei desde o dia em que fiz subir do Egito os filhos de Israel até o dia de hoje, mas andei em acampamento errante debaixo de uma tenda e de um abrigo"* (7,6). A questão não é ocupar-se ou construir uma casa para Deus, mas construir o povo, através do sistema monárquico, fixar o povo num Reino (7,10). Em Davi, há a passagem do nomadismo para a fixação, sendo tal fato realizado como sinal de unidade.

É provável que Natã não desejasse um santuário dinástico para a Arca do Senhor; é provável, também, que Davi fosse da mesma opinião, sentindo que era mais prudente ceder. O certo é que a profecia de Natã reconheceu a filiação da Casa de Davi, o qual, em Jerusalém, havia se estabelecido com suas concubinas e mulheres, filhos e filhas, terminando a conquista de Canaã e sendo, posteriormente, senhor de um imenso império (7,14).

ORAÇÃO DE DAVI

O texto acima citado, motivo de nossa reflexão, está situado pois, nesse contexto de fatos que deram origem à eleição do regime monárquico como oposição ao sistema tribal. Todos os itens acima descritos, principalmente o item 4,

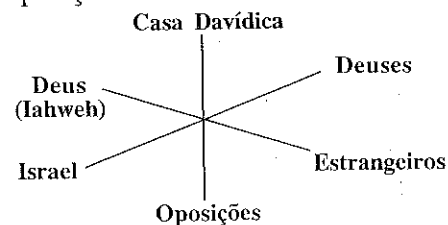
constituem verdadeira justificativa para o pronunciamento **da oração de Davi**. Tal oração pode ser entendida como uma resposta que confirma a profecia de Natã, o qual nos parece favorável à monarquia. Davi, então, mostra a Natã que assume no exercício do seu poder o conteúdo da profecia. O discurso mostra-se um tanto ideológico, quando Davi diz ao povo que é ele quem cumprirá as promessas de Javé. Por isso, está plenamente autorizado a exercer o poder em nome de Deus, desse Deus que o povo aceita: Iahweh dos Exércitos. Vê-se aqui a sabedoria política do governante.

Em 2Sm 7,2, a unção de Davi como Rei é feita na presença de Iahweh. Em concordância, a confirmação dessa coroação é feita também, diante de Iahweh, conforme o vers. 18 do cap. 7 de 2Sm: “*Então o Rei Davi entrou e ficou diante de Iahweh...*”. Isso significa (em ambos os casos) que Davi é o prometido, é aquele para o qual Deus se revelou, e que tudo o que está acontecendo é por vontade de Deus. Toda a ideologia do discurso de Davi se centraliza nesse tema: Davi é aquele que recebeu a revelação de Deus para tornar-se Rei (seus feitos anteriores à profecia já vinham justificando o possível reinado) e unificar o povo. Nele e na sua posteridade se cumpriram as promessas de Iahweh. É certo que pela ocasião da profecia Davi já havia, praticamente, consolidado a utopia do Reino, pois os

deuses, nações e povos estrangeiros já haviam sido vencidos. O que está em jogo não é somente a figura de Davi como Rei, mas todo um povo que se une na imagem de um mandatário designado por Deus: o povo andava disperso, errante, mas agora se torna unido (2Sm 7,21). Davi tem a garantia de que sua Casa é abençoada (2Sm 7,29).

As partes importantes da oração de Davi são os versículos 22, 23, 24, 25 e 26 que culminam com o eixo semântico refletido pelo vers. 29: “*Consente, pois em abençoar a Casa do teu servo, para que ela permaneça sempre na tua presença, por que és tu, Senhor Iahweh, que tens falado e é pela tua bênção que a casa do teu servo será abençoada para sempre*”.

No movimento semântico do texto, percebe-se a intenção do autor, revelada nos vers. 23 e 24 de 2Sm 7: o povo de Israel é o escolhido de Iahweh, por isso tornar-se-á grande entre as nações estrangeiras; o Deus nacional é Iahweh dos Exércitos que expulsará do meio de seu povo a idolatria (outros deuses). Tudo isso se concretizará pela instalação da Casa Davídica que se contrapõe às oposições.



ESTRUTURA DO TEXTO

A Oração de Davi como resposta à Profecia de Natã; Um discurso ideológico

V. 18 - “*O Rei Davi entrou e ficou diante de Iahweh*” (Davi, como Rei é porta - voz de Deus).

V. 19 - “*Estendes as tuas promessas também à casa de teu servo para um futuro distante*” (Davi lembra a Iahweh a promessa feita a ele e revelada por Natã).

V. 22 - Reconhecimento de Iahweh como um Deus grande, poderoso, capaz de expulsar deuses e nações estrangeiras do meio de seu povo escolhido.

V. 26 - “*O teu nome será exaltado para sempre, e dirão: Iahweh dos Exércitos é Deus sobre Israel. A Casa do teu servo Davi subsistirá na tua presença*” (confirmação da promessa: Dinastia Davídica).

V. 27 - Porque foste tu, Iahweh dos exércitos, Deus de Israel, que fizeste esta revelação ao teu servo: Eu te edificarei uma casa, então, o teu servo teve a coragem de te dirigir esta oração (apropriação do Iahweh dos Exércitos ‘Deus do povo de Israel’) por Davi para legitimar a monarquia. “*Eu te edificarei uma casa*”.

V. 24 - “*Estabeleceste o teu povo Israel para que ele seja para sempre o teu povo, e tu, Iahweh, tu te tornaste o seu Deus*” (confirmação de Iahweh como Deus eterno do povo de Israel).

V. 25 - “*Agora Iahweh, guarda para sempre a promessa que fizeste a teu servo e a sua Casa e faz como disseste*” (Davi “cobra” de Iahweh a promessa feita).

V. 29 - “*Consente, pois, em abençoar a Casa de teu servo, (Dinastia Davídica) para que ela permaneça sempre na tua presença, porque és tu, Iahweh que tens falado*” (a Casa de Davi falará por Deus, demonstrará ao povo a vontade divina).

A presença de dois verbos no imperativo (v. 25) “guarda” e “faze” faz com que o redator coloque na boca de Davi um certo tipo de “cobrança”, isto é, Davi “obriga” Iahweh dos Exércitos ao cumprimento da promessa já feita (“*como disseste*”) no que se refere à revelação da vontade de Deus, contida em toda a profecia de Natã e sintetizada no V.12: “*E quando os teus dias estiverem completos e vieres a dormir com teus pais, farei permanecer a tua linhagem após ti, gerada das tuas entranhas e firmarei a tua realza*”.

A expressão pleonástica redigida nesse versículo reforça e confirma a idéia nela contida: a perpetuidade da Casa Davídica da qual (segundo Lucas) originar-se-á o Messias, o Cristo que estabelecerá também um Reino, não à maneira monárquica (luxo, poder, glória) mas à modalidade de serviço, de justiça.

5. As Guerras de Davi

As sucessivas batalhas para confirmar o estado de Israel como o grande vencedor aconteceram depois do discurso (oração) de Davi, justamente como justificativa da implantação de um novo sistema, contrário à liga tribal.

Enquanto na liga tribal as pessoas pareciam agir de maneira autônoma (viviam no agro-pastoreio, ninguém era detentor de cargos), na monarquia o inverso aparece: o sistema monárquico anula os que atrapalham o exercício do Reino (2Sm 8, 1-5), instala cargos de chefia (2Sm 8,6), torna os derrotados seus súditos (2Sm 8,6) e os faz pagar o preço da derrota (tributo), conforme o vers. 6 de 2Sm 8. Toda essa organização do sistema imperial é feita e revelada ao povo como vontade de Deus: "onde quer que Davi fosse, Iahweh dava vitória".

A administração do Reino de Davi, embora cercada de conflitos e ardis (fetiches) foi vantajosa para o povo de Israel, pois como rei governou sobre a nação, exercendo o direito e fazendo justiça (2Sm 8,15).

CONCLUSÃO: ANÁLISE DO COTIDIANO

Através da pesquisa feita em torno dos blocos que constituem a literatura deuteronômica, principalmente pelo estudo de 2Sm no que se refere à leitura e interpretação dos textos antecessores e posteri-

ores à ORAÇÃO DE DAVI, pude fazer uma avaliação de tal prece, tendo como fundamento os atributos com os quais o redator modelou, de certa forma, a figura de Davi em seu período histórico de vida.

É possível saber, num crescendo de fatos, que a servidão e a fidelidade (como militar) a seu rei e senhor, bem como os grandes feitos realizados em benefício do povo de Israel (e aclamados por esse mesmo povo) em virtude de suas poderosas conquistas (a nova capital: Jerusalém, o traslado da Arca, a expulsão definitiva dos filisteus), tornaram a figura de Davi bastante popular, agradável, sábia, portadora de grande credibilidade diante de um povo que via, dia após dia, serem lhe tomados os bens (terra, identidade, esperança e tradição religiosa).

A negligência do rei Saul em relação aos direitos do povo, as duras e cruéis perseguições contra Davi (frutos de demência, insanidade mental), a amizade do próprio filho, Jônatas, ao líder das massas foram também, fatos de certa maneira relevantes que muito contribuíram para que se consolidasse a utopia do Reino, através da poderosa ascensão de Davi ao trono de Israel elevada, posteriormente, à potência de grande império.

A verdade é que Davi soube se fazer rei; isso é altamente esclarecido pelas palavras que compõem sua oração, a qual nada mais é do que um discurso político em que ele dá

mostras ao povo de sua ideologia: Iahweh dos Exércitos, o Deus adorado pelo povo é agora o seu Deus e é em nome desse Deus e por vontade desse Deus que ele, Davi, é ungido rei e que a Casa Davídica exercerá a monarquia para sempre.

Toda conquista tem, também, o seu preço: nomeado um rei, há a conseqüente nomeação de seus assessores (tipos de ministros que mantêm o poder político, a ordem, a vigência da Lei); estabelecem-se, assim, as classes sociais (o mais rico, o mais pobre; o mais poderoso, o menos poderoso; o que tem, o que não tem; o opressor, o oprimido). O povo é subjugado e paga tributo para manter o luxo, o harém da Corte, a fama da Nação.

O povo teve o que tanto havia pedido: um rei e uma terra sem ocupação estrangeira. Tudo isso, sabiamente (ou arditamente?). Obteve, também, o que tanto quisera: a Arca da Aliança em suas mãos. E Davi, dono de grande sabedoria e profundo conhecedor de artimanhas o fez, dando sentido à vida dos israelitas. A Arca, esquecida que estava pelo governo anterior, ardentemente desejada por um povo crente em seu Deus, foi o grande fetiche (!) utilizado por Davi para o aumento considerável de sua credibilidade. O povo não teve dúvidas. E nem respostas. Seriam Davi e sua Casa, ou não seria ninguém a governar.

O SENTIDO TEOLÓGICO

Assim como Davi, ungido rei e cumpridor das promessas de Iahweh dos Exércitos, Jesus é o Prometido, o Ungido, o Cristo que vem para cumprir a promessa de Deus. E o faz de maneira eficaz, à modalidade da realeza oriental, isto é, implantando um Reino de justiça, verdade e retidão.

O povo que Jesus une, inaugurando o novo Reino, já não é mais somente o povo de Israel, mas todos os povos. É um Reino a serviço dos mais pobres, dos mais necessitados, dos que são, na realidade, excluídos.

O Reino de Jesus difere da monarquia davídica, enquanto reino que não supera outros povos, pelo contrário, iguala-os no exercício da fraternidade.

SENTIDO POLÍTICO

Hoje, há o jogo do poder, onde os mais fortes, os mais ricos, os mais poderosos são capazes de subjugar um povo inteiro. Ardis, fetiches (como o Real - moeda que, pomposamente, entrou em cena para calar os que sofriam com a constante, contínua e crescente inflação) são usados para que se instale um "reino que, certamente, não é o reino do serviço, da melhoria da qualidade de vida, da primazia do povo, mas que visa aos interesses daqueles que mandam, bem como a suas ideologias, a seus lucros.

O Estado se mantém, hoje, um tanto a exemplo do Estado Davídico que usufruía da população rendas tributáveis para a manutenção de cargos, de luxo e de poder.

Os nossos "reis" se apresentam ao povo como aqueles que vão realizar as promessas (projetos) que trarão uma série de benefícios. O povo crê e traça a figura desse "rei" como mediador entre suas dificuldades e o cumprimento da promessa. Na realidade, usando de tal estratégia o mandatário ganha a população como aliada, podendo então, exercer o jogo da ideologia, isto é, governar a seu critério.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ORAÇÃO DE DAVI

É certo que Davi, em sua oração, deu a conhecer sua ideologia: seu reinado, agora em início, duraria para sempre, através de sua Casa, porque Iahweh dos Exércitos, o Deus nacional, estava consigo. É certo,

também, que Davi beneficiou o povo com seus "ardis", com sua liderança, com uma sabedoria incomum.

O povo perdeu, talvez, a individualidade adquirida no Sistema Tribal, a autonomia característica, mas cada membro da população soube ser um todo e agir como tal. Se perdeu, também ganhou; ganhou uma terra poderosa, ganhou a Arca da Aliança, ganhou a unidade na pessoa de seu rei, o qual, para agradar ao povo, deixou o Javé de Saul para se apropriar de Iahweh dos Exércitos, Deus desse mesmo povo.

Jeni Bertoni Nimtz é licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo, professora de língua portuguesa e Literatura Brasileira e Portuguesa. É mestranda na Área de Teologia Dogmática, com concentração em Estudos Bíblicos, na Faculdade de Teologia N. S. da Assunção.

DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS

EDUCAÇÃO: UM INSTRUMENTO PARA A HUMANIZAÇÃO, PREPARANDO O HOMEM PARA O TERCEIRO MILÊNIO

Sebastião da Silva

Tese de Doutorado em Teologia Dogmática - 318 páginas

O professor Sebastião da Silva milita há muitos anos na área da educação, especialmente com adolescentes e jovens. Sua experiência somada à pesquisa científica em Teologia Moral, resultou numa excelente contribuição aos educadores e agentes pastorais. O trabalho procura mostrar a relevância da educação no contexto do Brasil e América Latina e foi calcado no método ver, julgar e agir. O *ver* trata das angústias, frustrações e esperanças do homem brasileiro e latino-americano na busca de mais humanização. O *julgar* fala do compromisso da Igreja - que não pode manter-se neutra - no processo educativo-libertador. Traz à luz os principais documentos do Magistério e a experiência da Tradição da Igreja. No *agir* propõe a educação como o grande instrumento da promoção e humanização integral da pessoa. A presente tese enfrenta o desafio de oferecer um ensino eficaz em harmonia com os conhecimentos filosóficos, teológicos e científicos da perspectiva cristã.

O PRINCÍPIO DA DESTINAÇÃO UNIVERSAL DOS BENS NA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA. CONTRIBUIÇÃO DA MORAL SOCIAL PARA O ACESSO DOS BENS AOS POBRES

Pe. Manoel do Carmo da Silva Campos

Tese de Doutorado em Teologia Moral

Pe. Manoel do Carmo, professor na PUC do Rio, experiente nas questões sociais, nos apresenta, agora, sua Tese de Láurea. Realiza um trabalho exaustivo de caráter analítico-crítico que enriquece a Teologia Moral, oferecendo, também, um excelente instrumental para todos os que estão empenhados na busca de solução para as graves questões sociais de hoje. A tese refontaliza, cientificamente, a vertente tão importante da Moral Social que é a *Destinação Universal dos Bens*. O autor traça o itinerário da destinação dos bens aos pobres como a realização da justiça de Deus. A contribuição criativa para os dias de hoje se encontra, precisamente, na estrutura da tese que aponta o *Salário justo, a Reforma Agrária e a Ecologia* como fatores de justiça social. O trabalho recupera o que há de melhor na Doutrina Social.